



**Organizadores:**  
Telma Bessa Sales  
Antonio Jerfson Lins de Freitas

# Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em transformação

Série  
Território  
Científico

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
10 anos



**Telma Bessa Sales** é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), com mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela mesma instituição e pós doutorado na Universidade de Évora – Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, reestruturação produtiva e patrimônio industrial. Fez estágio na Universidade La Sapienza (Roma) sob orientação do professor Alessandro Portelli. É membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Ceará (ICOMOS-CE), do Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral e professora adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 2011.



**Antônio Jerfson Lins de Freitas** é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará e Doutorado em Geografia pela UECE. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

**Organizadores:**  
Telma Bessa Sales  
Antonio Jerfson Lins de Freitas

# Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em  
transformação



Sobral - CE  
2024

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
10 anos

**Trajetórias de pesquisa - Os mundos do trabalho em transformação**

© 2024 copyright by Telma Bessa Sales, Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com.br  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com.br

**Coordenação Editorial e Projeto Gráfico**

Marco Antonio Machado

**Coordenação do Conselho Editorial**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

**Conselho Editorial de História**

Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Francisco Dênis Melo  
Geranilde Costa e Silva  
Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros  
Valeria Aparecida Alves  
Raimundo Alves de Araújo  
Antonio Iramar Miranda Barros  
Camila Teixeira Amaral  
Juliana Magalhães Linhares  
Cícero João da Costa Filho  
Regina Celi Fonseca Raick  
Andreia Rodrigues de Andrade

**Revisão**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

**Diagramação**

João Batista Rodrigues Neto

**Capa**

João Batista Rodrigues Neto

**Catálogo**

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

T765 Trajetórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação. /  
Organizado por Telma Bessa Sales, Antonio Jerfson Lins de Freitas. -  
Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

274p.

ISBN: 978-65-5421-130-7 - papel  
ISBN: 978-65-5421-131-4 - e-book - pdf  
Doi: 10.35260/54211314-2024

1. Pesquisa.
2. Ensino.
3. Trabalhos- Novas perspectivas.4. Sistemas de trabalho.
- I. Sales, Telma Bessa. II. Freitas, Antonio Jerfson Lins de. III. Título.

CDD 331.117

# A série Território Científico

Marco Machado

Jerfson Lins

Editora SertãoCult

Quando o Projeto Território Científico foi concebido há mais de quatro anos, as incertezas sobre o que a pandemia da Covid-19 nos traria eram muitas. O futuro era opaco para previsões otimistas diante do quadro de milhares de mortos diariamente, apenas no Brasil.

Mas se o contexto era absolutamente assustador, pelo menos pudemos ter confirmada a resiliência dos pesquisadores brasileiros, que apesar de imersos em um cenário de carência de recursos financeiros e técnicos, ou-saram produzir como nunca, adequando-se àquela realidade, aprendendo a utilizar as ferramentas e tecnologias de informação e comunicação, paradoxalmente ficando ainda mais próximos do que antes da clausura imposta pelo vírus.

A tsunami de lives e eventos virtuais passou assim como chegou. O cansaço de assistir a intermináveis sessões diante das telas cobrou seu preço e a busca pelo contato físico suplantou o medo de sair às ruas. Parece que havia sido em outra vida que podíamos reunir centenas de pessoas em um auditório para discutir alguma pesquisa, ou simplesmente reunir meia dúzia de amigos ao redor de uma mesa para conversar sobre assuntos banais.

Parece que foi em outra vida também que, a partir da série Território Científico, a editora SertãoCult convidou os membros de seu conselho para organizarem entrevistas com renomados pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Muito material foi gerado a partir de tal iniciativa, um riquíssimo acervo que já originou quatro livros e agora traz à luz mais um volume, *Trajétórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação*.

Em mais uma parceria, Telma Bessa e Jerfson Lins reuniram grandes pensadores, de diversas universidades, para falarem sobre o mundo do trabalho, sobre suas carreiras e pesquisas. Mais do que uma aula sobre a realidade vivida pelo trabalhador no século XXI, este livro nos permite enxergar o mundo com os olhos treinados de alguns dos mais respeitados pesquisadores da temática.

Foram, com este, cinco grandes livros produzidos e disponibilizados gratuitamente em formato e-book no escopo do projeto. Foram dezenas de entrevistadores e entrevistados e horas de conteúdo, fontes imprescindíveis para jovens pesquisadores interessados em um aprender com quem realmente sabe sobre o tema.

Brindemos a mais este sucesso! Outros estão a caminho.

Sobral-CE, abril de 2024.

# Apresentação

Há três anos nadamos nas águas profundas e agitadas enfrentando a pandemia da Covid-19 (2020-2021) no Brasil e no mundo. Em terras brasileiras, a crise sanitária foi acompanhada de uma crise política, econômica e social que expressou arroubos autoritários, posturas negacionistas e desrespeito aos direitos trabalhistas, direitos humanos, direitos de mulheres etc.

Nesses dias de tempestades de uma demora de três anos, a criatividade, a imaginação, a leveza e o uso das tecnologias informacionais e digitais adentraram em nossas casas e até hoje compõem a maneira de realizar trabalho (no universo acadêmico, por exemplo) e entretenimento.

Navegando nesse mar revolto, criamos plataformas com lives, debates, entrevistas e livros. Este, que você tem em mãos agora, é fruto dessa conjuntura, do desejo de manutenção de relações e vínculos com professores e alunos do país. É possível hoje conhecer as narrativas de intelectuais estudiosos(as) do Brasil, que se colocaram disponíveis para veicular suas trajetórias no período pandêmico do século XXI, especialmente com a temática da pesquisa sobre os mundos do trabalho.

Gratidão é a palavra que cabe para todos(as) que construíram este livro. Agradecer pelo diálogo, aprendizado, dedicação e paciência antes, durante e depois das entrevistas filmadas e que você pode verificar a partir dos links disponíveis em cada narrativa.

Boa leitura e debates a partir da categoria *trabalho*, que continua provocador e contribui na revitalização do pensamento histórico e das ciências sociais/humanas.

Os organizadores



## Sumário

**O trabalho continua central na sociedade..... 11**

Roberto Vêras de Oliveira – UFPB

**Uma visão interdisciplinar sobre o trabalho no século XXI..... 15**

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro - UESPI

Doi: 10.35260/54211314-2024.p22-40

**Uberização e crise no mundo do trabalho: entrevista com César Sanson..... 23**

César Sanson

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p42-70

**Trabalho e gênero: entrevista com Helena Hirata..... 43**

Helena Hirata

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p70-94

**“As marisqueiras estavam lá, elas por elas mesmas”: entrevista com Luiz Henrique dos Santos Blume..... 71**

Luiz Henrique dos Santos Blume

Cosma Silva de Araújo

Fannuel Santos Mesquita

Doi: 10.35260/54211314-2024.p96-125

**Transformações capitalistas e (des)igualdades no mundo do trabalho: entrevista com Márcia de Paula Leite.....97**

Márcia de Paula Leite

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p126-138

**Dialogar com os diversos setores da sociedade é importante na pesquisa e ensino: entrevista com Telma Bessa Sales..... 127**

Telma Bessa Sales  
Antonio Jerfson Lins de Freitas  
Joannes Paulus Silva Forte

Doi: 10.35260/54211314-2024.p140-165

**Os sujeitos na luta pela terra: entrevista com Samuel Maupeou.....141**

Samuel Maupeou  
Telma Bessa Sales  
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p166-186

**O sindicalismo e o mundo do trabalho: entrevista com Marcelo Badaró Mattos.....167**

Marcelo Badaró Mattos  
Cosma Silva de Araújo  
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p188-206

**“Não dá para pensar a sociedade sem trabalho”: entrevista com Clarice Speranza..... 189**

Clarice Gontarski Speranza  
Fannuel Santos Mesquita  
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p208-222

**Pesquisa e empatia no mundo do trabalho: entrevista com Antonio Bosi..... 209**

Antonio de Pádua Bosi  
Fannuel Santos Mesquita  
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p224-242

**“Boas questões fazem boas pesquisas”: entrevista com Fabiane Popinigis.....225**

Fabiane Popinigis  
Antonio Jerfson Lins de Freitas  
Cosma Silva de Araújo

Doi: 10.35260/54211314-2024.p244-265

**“Seria estranho se eu não tivesse optado por estudar o trabalho”: entrevista com William Mello.....245**

William James Mello  
Antonio Jerfson Lins de Freitas  
Cosma Silva de Araújo

**Índice Remissivo.....267**

**Entrevistadores..... 273**





**Antonio de Pádua Bosi** é graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1993), mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997) e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (2002). Foi diretor da Associação Docente do Campus Avançado de Catalão da UFG (1997-98), vice-presidente da Associação Docente do Campus de Toledo/UNIOESTE (2001-02), 1º Tesoureiro do ANDES-SN (2004-06), coord. do Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE (2006/08 e 2010/12), presidente do Sindicato de Docentes da UNIOESTE (2013-15) e coord. do Curso de Graduação em História da UNIOESTE (2020-22). Atualmente é professor Associado C da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de História e estuda os conflitos em torno da organização do trabalho e dos trabalhadores com ênfase para as experiências mais recentes de precarização das relações de trabalho e de formação da classe trabalhadora no Brasil.

# Pesquisa e empatia no mundo do trabalho: entrevista com Antonio Bosi<sup>1</sup>

*Antonio de Pádua Bosi*  
*Fannuel Santos Mesquita*  
*Viviane Prado Bezerra*

**Telma Bessa (UVA):** Professor, o senhor poderia contar quais foram suas motivações para que começasse a trilhar este seu percurso acadêmico?

**Antonio Bosi (Unioeste):** A minha preocupação com o mundo do trabalho antecede um pouquinho a academia. A minha formação se deu muito próxima ao Partido dos Trabalhadores, às Comunidades Eclesiais de Base, à Pastoral Operária, enfim, a uma diversidade de movimentos e agrupamentos no campo da esquerda. Isso foi em meados dos anos 80. Eu nunca tinha pensado em fazer História, até praticamente a véspera do vestibular. Minha mãe esperava que eu fizesse Engenharia, eu tinha vínculos com a Matemática desde do ensino médio. Mas essa formação anterior ajudou muito nesse tipo de orientação, por exemplo: hoje eu acho até comum, mas ainda na adolescência, no ensino médio, eu já conhecia o *Manifesto Co-*



<sup>1</sup> Entrevista realizada via *Google Meet* em 23 de junho de 2020. Confira a entrevista utilizando ou clicando no QR Code ao lado.

*munista*<sup>2</sup>, eu já conhecia *Formação do Brasil contemporâneo*<sup>3</sup>, que é uma obra do Caio Prado Jr, então havia, naquele universo, uma possibilidade de formação no campo da História, no campo da Sociologia, enfim.

Eu ingressei na Universidade em 1989, que era um período absolutamente efervescente. Ainda no contexto da redemocratização, havia uma candidatura democrática popular que animava muita gente, inclusive desfazia o estigma contra o trabalhador. Então eu ingressei na Universidade motivado por isso. Eu fiz o curso na Universidade Federal de Uberlândia, uma boa universidade, mas havia uma característica lá que era de ser um curso muito diversificado. Então, havia professores com muita identidade com Michel Foucault, com Eduard P. Thompson, com psicanálise, embora o curso fosse de uma formação marxista.

A primeira pesquisa que eu desenvolvi foi na Iniciação Científica, e aparentemente não tinha absolutamente nada a ver com o mundo do trabalho. Aparentemente. Eu me interessei em saber porque os movimentos pentecostais e neopentecostais estavam se desenvolvendo tanto. Não era uma pergunta minha, era também de outros professores. Aí eu falei “tá, vamos estudar isso”. Na época havia, ainda existe isso, uma tese do campo da antropologia que buscava explicar isso em função de uma resposta ao sofrimento e à aflição. Havia a famosa tese do Marx de que a religião era o ópio do povo, não nesse sentido, mas também uma resposta meio que desesperada a uma série de condições de vida muito ruins. E havia uma tese do Weber, muito popularizada, que dizia mais ou menos que a ética religiosa condiciona e influencia o comportamento econômico. E foi aí que eu entrei e comecei a me interessar por trabalho. Por incrível que pareça, pelas mãos de Max Weber! E foi um estudo até que interessante, queria comentar a respeito das dificuldades metodológicas, porque eu não tinha uma documentação. Eu abordei uma igreja e a documentação era escassa, chamava-se Casa da Benção.

---

2 MARX, K.; ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Edição Ridendo Castigat Mores, 1999. (Versão para e-book.). Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/lancado-o-manifesto-comunista/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

3 PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 23ª edição, 1994. 390 p.

Conversando com o pastor, a gente trocou bibliografia, eu entreguei *A ética protestante e o espírito do capitalismo*,<sup>4</sup> e depois ele me devolveu e falou que não tinha entendido nada. Ele me entregou uns panfletos, umas cartilhas também, e eu lia aquilo e falava: “gente, mas aqui não explica o que o trabalhador está fazendo nessa igreja. Aqui fala muito é de passagens da Bíblia”. Aí eu entreguei e falei para ele que não tinha entendido muita coisa também não. Aí vamos lá pro culto, eu queria conhecer essa realidade e a expectativa dele era outra. Ele queria me converter, mas enfim, foi uma conversa muito interessante. Ficamos até amigos, inclusive.

Veja, desse ponto de vista, eu não tinha nenhuma orientação metodológica da História para fazer isso. Para tentar capturar a experiência, fazer as perguntas corretas e obter respostas. O que me ajudou foi o contato com os fiéis da igreja, principalmente uma figura muito representativa, que acabou se aproximando porque a gente tinha estudado na quinta ou na sexta série, e eu perguntei para ele “o que você está fazendo aqui?” E foi uma pergunta muito direta. E ele falou: “Olha, aqui tem muita gente que eu gosto, eu me acho aqui”. “Mas você trabalha?” “Trabalho, trabalho em uma loja de eletrodoméstico”. Uma loja que hoje virou uma rede, mas havia só nessa pequena cidade. E aí ele me deu a deixa: ele me disse que não gostava muito de trabalhar porque o patrão mandava atender umas pessoas simples, que às vezes nem podiam comprar as coisas fora do crédito. Naquele tempo não existia cartão de crédito, apenas aqueles carnezinhos. Aí eu falei: “como assim?” A frase era mais ou menos a seguinte: “Vai lá fulano, porque crente não mente”. E essa foi a ideia que me movimentou a estudar o mundo do trabalho, como as práticas estavam articuladas em meio às ideias. E saiu um trabalho interessante.

Quando eu me formei, eu dei aula no ensino médio, de Geografia, História, Sociologia, era um período muito, muito ruim. Havia poucos concursos. Você entrava ali, por volta de fevereiro, você ganhava as contas no final do ano e, no ano que vem, você tentava de novo. Bom, eu trabalhei durante 3 anos no ensino médio, não só na área de História, como eu disse, e depois eu ingressei no mestrado, na PUC de São Paulo, que foi uma história bastante interessante também porque eu não tinha ideia de entrar na História. Eu fiz dois projetos, um pra entrar nas Ciência Política na Unicamp e um

---

4 WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

para História. E as entrevistas coincidiram no mesmo dia e eu tive que fazer História. Eu tenho impressão, não tenho como afirmar isso, que eu fui o último orientando de mestrado da saudosa professora Déa Fenelon. E meu tema, aí sim, já foi definido em torno do trabalho, do mundo dos trabalhadores, sobre Comunidades Eclesiais de Base e os interesses que mobilizavam aqueles trabalhadores.

Quando eu defendi meu mestrado, em 97, eu já estava trabalhando na Universidade Federal de Goiás, Campus Avançado de Catalão. Contrato que não era temporário, era um contrato permanente. E trabalhei lá pesquisando trabalhadores da mineração. Goiás é um estado interessante porque você só acha que existe o agronegócio. Mas não, lá tem montadora, mineradora, tem indústria química. Eu fiquei lá até 99 e vim para o Paraná, para a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, porque era uma universidade nova e isso fascina a gente. E foi trabalhando nessa universidade que eu fui pesquisar sobre o mundo do trabalho e fiz o doutorado na Universidade Federal (doutorado interinstitucional), recuando para o século XIX, mas também lidando com os trabalhadores, principalmente como eles contariam seu espaço na cidade, em pleno processo de reforma urbana, dentro da primeira república. Fui orientado pelo Marcelo Badaró.

Os docentes é uma coisa mais interessante. Eu fiz um trabalho, uma pesquisa sobre a precarização do trabalho docente, que não tinha a ver necessariamente com a pós-graduação, sob encomenda do ANDES - Sindicato Nacional<sup>5</sup>. Eles falaram: “olha, não tem nada sobre isso, a gente precisa estudar sobre essa realidade, você pode fazer?” Aí eu respondi: “posso ver o que dá pra fazer, buscar material de pesquisa nos arquivos do ANDES, esse tipo de coisa”. Aí eu fiz um artigo que saiu publicado. Ele circulou entre os sindicatos de docentes e aí o pessoal me pediu para publicar. Foi publicado na revista *Educação e Sociedade*<sup>6</sup> e mostrava como é que o processo de precarização de diversas categorias da classe trabalhadora se dava também entre o trabalho docente. Um processo de intensificação do trabalho, aula, pesquisa, orientação e um processo de adoecimento também. Adoecimento entre, por exemplo, os trabalhadores de frigoríficos,

5 Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior.

6 BOSI, A. de P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 101, p. 1503–1523, set. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/9WptVJrmQdsdtW4fZ9VHgkh/?lang=pt#>. Acesso em: 15 jan. 2023.

que eu e outros pesquisadores conseguimos dar visibilidade. Agora, com a Covid, muita gente está atenta a esse problema dentro dos frigoríficos, que são plantas produtivas de mais de 1.500 trabalhadores, às vezes um pouco mais ou um pouco menos, trabalhando lado a lado, trabalhando em câmaras frigoríficas, em temperaturas muito baixas. Em meio a uma tragédia, os trabalhadores não encontram formas de agir contra aquilo.

Por volta de 2004, 2005, 2006, eu comecei a fazer história social do trabalho comparada. Isso me permitiu, por exemplo, colocar lado a lado catadores, professores universitários e catadores, mostrando que o trabalho podia ser melhor explicado sem recorrer a distinção de setor formal e setor informal. Tentei discutir que toda modalidade de trabalho no tempo presente compunha a formação social e específica do capitalismo brasileiro. Estava tudo misturado, você não tinha como tentar e separar aquilo, “como esse aqui produz mais valia, esse aqui já não produz, esse aqui ajuda na acumulação”, esse aqui já não ajuda, esse aqui não é explorado, o trabalhador docente não é explorado, esse aqui é. Então eu tentava mostrar, não por desejo e vontade, mas por conta do que a realidade inspirava, e com o método que era possível utilizar.

Essa é a minha trajetória em relação a essa temática, que a gente chama mundo do trabalho ou mundo dos trabalhadores. Inicialmente, ela não foi uma escolha, digamos, consciente, mas ao longo da formação acadêmica, ao longo da formação política, ela foi se tornando mais clara e mais vinculada ao meu trabalho. Não que eu não goste de pesquisar e dar aula sobre outras coisas, mas o meu interesse tem sido sobre isso. E a dificuldade, como eu disse há pouco, para lidar com história social do trabalho, a história dos trabalhadores, é a documentação. É muito difícil conseguir fazer recortes mais precisos do tempo e do espaço de categorias de trabalhadores por conta da escassez de documentação. Isso eu estou falando por volta do final dos anos 90. Hoje nós já melhoramos bastante com arquivos, inclusive nas cidades pequenas você encontram muita documentação que é deslocada para museus, mas de qualquer modo, não é uma área fácil de pesquisar.

**Fannuel Santos (UVA):** Professor, tem uma pesquisa sua que me chamou muito atenção, que é sobre trabalho e migração. O senhor trabalha tanto sobre imigrantes no Brasil como na região nos Estados Unidos, Portugal...

O que os leva até lá, o interesse pelo capital, como eles mantêm a própria cultura. O senhor poderia falar um pouco sobre como chegou aos imigrantes e aos trabalhadores e como está o andamento da pesquisa no momento?

**Antonio:** Isso aconteceu em decorrência da pesquisa com trabalhadores em frigoríficos. Aqui nessa região, por exemplo, você encontra com facilidade trabalhadores de Serra Leoa, do Haiti, da Somália, de uma série de países mais pobres que o Brasil, que entram em um processo de migração, não necessariamente de uma migração direta para o Brasil, mas muitos deles terminam por aqui. E o que eles encontram no mercado de trabalho são os extratos mais inferiores, por exemplo, quando eu topei com esses imigrantes nos frigoríficos, isso começou a chamar a minha atenção e a atenção de alunas de graduação do mestrado e doutorado. Então eu tive que pesquisar isso, eu tive que criar condições para ajudar a pesquisar isso, então eu comecei a abrir uma intervenção de pesquisa sobre isso, mas mantendo perguntas muito parecidas com as que acompanham o trabalho que eu e outros colegas fazemos. Ou seja, como eles se veem, como eles traduzem suas experiências e que expectativas eles têm. Só que agora com um ingrediente muito diferente: são trabalhadores que de fato trazem uma cultura diferente da cultura brasileira, da cultura regional. Isso se tornou um desafio pra gente.

Ao longo do tempo, que eu estou falando, nos últimos 4 anos, uma aluna do pós-doutorado se mudou para Portugal, então ela começou a pesquisar as imigrantes sírias (refugiadas da guerra), e depois com os africanos. No Sudoeste de Goiás, dois alunos do doutorado pesquisaram trabalhadores mulçumanos empregados na Sadia. Em Cascavel, abrimos uma turma de alfabetização em língua portuguesa para haitianos, e depois vieram cubanos e venezuelanos, grupos de trabalhadores que alimentaram nossas pesquisas. Nos Estados Unidos, trocamos informação e discussão teórica com um colega da Rutgers (universidade de Nova Jersey), Michael Merrill, mais conhecido aqui no Brasil pela entrevista que fez com o Thompson em 77, que saiu publicada e traduzida em espanhol num livro do Raphael Samuel, traduzida para o português na revista *História & Perspectivas*. Nós começamos a desenvolver um projeto de história comparada, de como os imigrantes naquela região, Nova York, Nova Jersey, se organizavam, e como é que os haitianos, os estrangeiros que trabalham em frigoríficos da região, se organizavam em torno da sua cultura.

Aí a gente acabou dando um passo mais adiante e realizando um projeto que tenta envolver colegas da Universidade Federal de Uberlândia, pois lá tem muitos asiáticos. Eles são desdobramentos de pesquisa de mestrado e doutorado, a gente não conseguiu produzir a síntese disso. E aí o que vai parecer, não posso dizer que é uma síntese, é o mais próximo de uma síntese, que é um dossiê que vai ser lançado pela revista *Tempos e História*, com alguns artigos que mapeiam essas experiências, inclusive a tradução de um texto clássico do John Steinbeck, sobre os imigrantes da Califórnia.

A pesquisa passa muito por aí e depende muito da pesquisa de estudantes do mestrado e do doutorado ingressarem nessa temática. Eu também não sei como é o Ceará. Eu tenho conhecimento de alguns colegas, de uns 10 anos atrás, falarem de um processo de industrialização e que também estavam chegando imigrantes para lá também, eu não sei como é que está a situação lá, mas aqui, a presença de imigrante é enorme, de tal modo que existe já uma caracterização de pessoas do Oeste do Paraná. Isso muda não só o trabalho, mas muda a configuração cultural, urbana. E a gente segue estudando isso.

**Cosma Araújo (SME - Sobral):** Professor, quais conselhos você daria para os pesquisadores iniciantes no mundo do trabalho?

**então ela começou a pesquisar as imigrantes sírias (refugiadas da guerra), e depois com os africanos. No Sudoeste de Goiás, dois alunos do doutorado pesquisaram trabalhadores mulçumanos empregados na Sadia. Em Cascavel, abrimos uma turma de alfabetização em língua portuguesa para haitianos, e depois vieram cubanos e venezuelanos, grupos de trabalhadores que alimentaram nossas pesquisas. Nos Estados Unidos, trocamos informação e discussão teórica com um colega da Rutgers (universidade de Nova Jersey), Michael Merrill, mais conhecido aqui no Brasil pela entrevista que fez com o Thompson em 77, que saiu publicada e traduzida em espanhol num livro do Raphael Samuel, traduzida para o português na revista História & Perspectivas.**

**Antonio:** É difícil! Eu não sei se seriam conselhos, mas são pontos que devem ser vistos com muita atenção. O primeiro deles é estar em contato com os trabalhadores. Se você não tiver essa abordagem, é quase que antropológica, você pode fazer julgamentos muitos distorcidos a respeito da pesquisa. Eu vou dar dois exemplos: você só conhece a realidade de um catador quando você vai à casa dele. Aí você vai saber como é a rotina de trabalho dele, porque o que a gente conhece de um catador é um trajeto dele na cidade. Um catador que não é associado a uma cooperativa, quando você vai na casa dele, você vai notar que tem espaço para um pequeno depósito, porque ele não leva o que ele consegue recolher todo dia no depósito. Porque ele organiza, ele separa, ele faz um trabalho que já deveria ser de um depósito. Isso custa muito para ele. Quando você olha as mãos de um catador é que você vai entender o que ele faz, por exemplo. Pouca gente percebe isso. Você entrevista a pessoa, mas você não observa quem ela é de fato. Eu não falo isso com tristeza, não, é com conhecimento empírico que você tem que considerar. Às vezes você olha para uma pessoa, você calcula 65, 70 anos e a pessoa tem 40 anos. Mas não é só em função de ser catador, não. Ela tem uma vida inteira, inteira dedicada às piores tarefas possíveis no mundo do trabalho. Ela não consegue sair dali, é estigmatizada, pessoalmente estigmatizada, como trabalhador, como classe. E você tem que ouvir o que ela vai falar, e o que ela vai falar não é bom, não é bom mesmo, certo? Então esse contato te permite aprofundar análises, capturar essa realidade que só no papel, nas ferramentas, na própria história não é possível.

Coisas semelhantes acontecem com a documentação. Vou dar um exemplo também. Estava mexendo em uma documentação das décadas de 1950 a 1970, para ensinar dois alunos, um da graduação, outro do mestrado, a mexer com documento oficial, cartorial e judicial. Eles não sabiam, nunca tinham visto, mas queriam conhecer. Aí nós fomos para um núcleo de documentação que tem na Universidade onde trabalho, que reúne a guarda dos processos judiciais da vara criminal na cidade de Toledo/PR, desde 1954. Aí nós fomos lá. Por onde a gente começa? Aí falaram: “procura retrato de gente morta”. (Eram fotografias de pessoas que se mataram.) Não são nem processos, são inquéritos policiais. E teve um boia-fria, em meados dos anos 70, que se suicidou. A maioria das testemunhas, que eram uns 6, no total, falaram que ele tinha algum transtorno mental. Mas ao

mesmo tempo, também que esse transtorno mental era recente, e falaram também que ele viveu um processo de empobrecimento tamanho. Então veja como um inquérito policial para apurar um suicídio nos permite falar do mundo do trabalho à medida que você contextualiza o suicida como um trabalhador! Porque ele não é só um suicida, ele foi um trabalhador a vida toda. Ele se transformou no suicida no momento que tirou a própria vida. E aí, fazendo a pesquisa, nós chegamos à conclusão que um dos principais motivos que o levaram a uma atitude assim foi um processo de empobrecimento, que ele viveu na região desde o final dos anos 60, contado pelas testemunhas. Ele nunca foi proprietário nem teve posse de terras, ele sempre foi um trabalhador assalariado, mas ele foi empobrecendo na medida que, em meados dos anos 70, a introdução de maquinário, mecanização do trabalho expulsou muitos trabalhadores. Ele reagiu mal a isso. E depois nós fomos pesquisando a fundo, relativamente a inquéritos policiais sobre suicídio, e fomos constatando que aquele não era, no mesmo período, um caso isolado.

Então veja: igualmente ao esforço que se tem que fazer para se aproximar do trabalhador no tempo presente, você tem que imaginar o contexto, imaginar historicamente o contexto de um trabalhador no tempo mais recuado, porque senão você vai manter uma distância dele que não vai te ajudar. Isso não é exatamente um conselho, isso é exatamente uma dificuldade que qualquer estudante, não só estudante de História, de Sociologia, Antropologia, Geografia, de Geografia do trabalho também, vai ter que enfrentar. Se você quer fazer história do trabalho e dos trabalhadores, você precisa ter uma metodologia muito plástica. Dificilmente você encontra a documentação que precisa. Dificilmente você consegue problematização conforme a sua expectativa, e sem constituir esses vínculos, não é possível.

**Vivianne Bezerra (UVA):** Professor, eu fiquei muito curiosa em relação a essa sua aproximação com esses sujeitos: catadores de reciclados, trabalhadores de frigoríficos, as empregadas domésticas... Como foi fazer esse percurso de aproximação com esses trabalhadores e quais fontes você utilizou? Além da história oral, que recursos você utilizou para desenvolver essas pesquisas, nessas categorias mais diferenciadas e mais do tempo presente?

**Antonio:** A dificuldade para entrevistar um catador é igual para entrevistar qualquer outro trabalhador. Essa desconfiança do “por que um professor universitário quer saber de mim?” Então, essa aproximação é difícil e, na medida que você repete a entrevista, vai lá uma vez, uma segunda vez, você estabelece uma relação de confiança. Nem sempre isso é possível, mas quando isso é possível, as informações que você obtém em relação à realidade de vida, de trabalho daquelas pessoas é enorme. Segundo, você precisa ir até onde ele está, e isso às vezes nem sempre é possível. Por exemplo, uma vez eu tentei fazer um percurso de um catador desses, para ver como era a recepção das pessoas. Ele ia lá pegar, ele ia lá recolher latinhas, mexia no lixo de uma outra pessoa, e nem sempre ele era bem recebido. E às vezes ele chegava lá e a pessoa tinha organizado, juntado todo o papelão que ela podia juntar para entregar para o catador. Então é preciso pensar em estratégias para se aproximar dele. Esse é o primeiro ponto. A gente precisa fazer também visitas técnicas, que é um recurso da Sociologia. Como eu posso falar da linha de produção de um frigorífico só através do que os trabalhadores me contam? Eu preciso ir lá dentro e ver como aquilo funciona. O pior trabalho na linha corte de um frigorífico é a coxa, é desossar a coxa. É em torno de 80 movimentos para desossar uma coxa. Uma coisa é ele te contar, outra coisa é você o ver fazendo aquilo. E nem sempre a gerência do frigorífico te deixa entrar lá. Às vezes uma conversa lá, uma conversa aqui e chama isso de visita técnica. A mesma coisa com catadores. Eu visitei diversas cooperativas, em Brasília, São Paulo, Recife, Pelotas, para entender como é a divisão do trabalho, a divisão sexual do trabalho, a presença de maquinários. Tem cooperativas que à época do segundo mandato do Lula<sup>7</sup> conseguiram comprar prensas, caminhões. Não aqueles caminhões grandes, aqueles menorzinhos, pelo financiamento do BNDES<sup>8</sup>. Como também tinham cooperativas que não conseguiam nada. Então essas visitas técnicas ajudam bastante. São muito difíceis porque precisa de dinheiro, você precisa viajar, você precisa ter financiamentos, não dá para fazer em qualquer circunstância.

E por fim, o que é que ajuda nessa aproximação? Todo mundo tem um talento em outras áreas e dentro da História também. Se você não

---

7 Luiz Inácio Lula da Silva (presidente do Brasil por dois mandatos consecutivos, de 2003 a 2011, e atualmente no terceiro mandato, iniciado em 2023).

8 Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

tiver sensibilidade para perceber o outro no trabalho dele, muita coisa vai escapar da sua pesquisa. Então, veja, o catador é um documento. Então você olha e pensa: “como uma pessoa pode ser um documento?” Claro que pode! É onde vive, como ele vive, a vizinhança que ele tem, a roupa que ele veste, a relação que ele tem com você. Tudo isso ajuda a contar a história dos catadores. Eu escrevi um livro que se chama *História dos catadores do Brasil*.<sup>9</sup> Ele reúne diversas experiências como essa, mas eu recuei até a Grécia Antiga para mostrar como é que o trabalho de homens e mulheres com o lixo dos outros, os rejeitos e os dejetos dos outros, foi estigmatizado. Você tem que foi trabalho de escravo, que sempre foi trabalho de servos e, aproximando do século XVIII, XIX, foi da classe trabalhadora mais empobrecida. É uma possibilidade muito interessante de fazer comparações de longa duração. Porque, o lixo, por incrível que pareça, não é um elemento da nossa sociedade. Ele é tão preocupante porque nenhuma outra sociedade produziu tanto lixo, mas as outras sociedades também produziram lixo. Então, quem limpava a sujeira dos outros? Grande parte da sujeira dos outros era reciclada, reaproveitada, até na Bíblia a gente acha rastros. No velho testamento, por exemplo, quando se fala que é chegado o momento que você tem que transformar as lanças, as armas em arados, em enxadas, e o contrário também. Então há diversas evidências que possibilitam contar a história dos catadores de hoje estabelecendo uma regra de longa duração. Mas fundamentalmente, você tem que ter uma relação de empatia com os trabalhadores, ou então fica muito difícil de avançar. Você pode ter um domínio metodológico muito bom, de história oral, por exemplo, e as coisas nem sempre funcionam como a gente quer.

**Telma:** Eu queria que você comentasse qual é a importância dessa temática do mundo do trabalho dentro das pesquisas, das produções do conhecimento histórico, e também do ponto de vista da centralidade do trabalho na vida das pessoas.

**Antonio:** Um ponto que é muito importante, tomando por base o lugar em que eu estou, a Universidade, é estabelecer vínculos duradouros com esses movimentos. Às vezes, a gente tem sorte de fazer isso, e às vezes não tem. A pressão, generalizada do país pra que a Universidade não sirva para os trabalhadores, para que não sirva às demandas sociais é muito

---

9 BOSI, Antonio de Pádua. *História dos catadores no Brasil*. São Paulo: Verona, 2016.

grande. Isso sempre existiu, mas agora, nestes últimos anos eu estou sentindo que é um verdadeiro escândalo. Tem setores das classes dominantes que tratam professores que fazem extensão, por exemplo, nessa direção, como criminosos. Esse é o ponto em que é sempre preciso insistir. Segundo, que há uma despolitização enorme dentro das universidades. Em parte, tem a ver com os processos que a gente vive na sociedade, a Universidade tem o que há de bom e ruim na sociedade, mas de qualquer modo há uma despolitização enorme. Em parte, tem a ver com a forma de produção de conhecimento científico. Os alunos já nascem vendo a Universidade com pressão enorme porque eles já são obrigados a escrever artigos. O aluno que não consegue uma bolsa de Iniciação Científica fica, do ponto de vista acadêmico, marginalizado. Ele termina a graduação, vai direto para o mestrado, ele vai direto para o doutorado, ele vai direto para o pós-doutorado, se não ingressar em uma Universidade como professor. Ou seja, esse não é um processo cuja razão é individual, isso é um processo em que a docência na Universidade se produz assim.

Nos anos 80, a preocupação era outra, a Universidade era mais aberta a movimentos sociais. Um exemplo: em meados dos anos 80, se um grupo do MST entrasse na Universidade para fazer um curso de extensão, ouvir uma palestra, ninguém acharia aquilo um ponto fora da curva. Hoje, se um grupo do MST entra na Universidade para fazer qualquer coisa, é um estardalhaço, como se aquilo rompesse toda a estrutura existente na Universidade. Como se aquilo violentasse a existência da Universidade, como se a Universidade fosse voltada exclusivamente para as classes dominantes.

Bom, como é que estudar um tema, estudar um projeto ligado ao mundo do trabalho, ao mundo dos trabalhadores pode ajudar? Nem sempre pode. Nem toda historiografia, nem toda bibliografia produzida focada nisso tem interesse de dar um esclarecimento, de ajudar a classe trabalhadora. Isso não é verdade, isso é uma parte da verdade. Você tem muitos trabalhos que fazem isso. Hoje, pesquisar o mundo do trabalho não estabelece esse compromisso, tem esforços de pesquisas sobre o mundo do trabalho que são meramente estéticos. “Ah! Eu estou pesquisado uma experiência bem recortada sobre os trabalhadores escravos do século XIX”. Não necessariamente isso teria um vínculo com as questões raciais hoje. Então, é uma questão difícil de ser equacionada.

Quando eu comecei a pesquisar, como eu disse no começo, a motivação não estava só na Universidade, ela estava no engajamento. Hoje, não necessariamente alunos da História escolhem seu objeto por alguma afinidade, não necessariamente ele escolhe o objeto. Às vezes o objeto vem pronto, acabado, oferecido pelo professor. Então, a resposta que eu quero dar é que a nossa Universidade mudou muito. Não mudou necessariamente para melhor. Às vezes a gente está até melhor aparelhado para fazer pesquisa. Laboratórios, tem equipamentos que nos ajudam muito para isso, por mais que ainda tenha cortes de verbas, ainda temos acesso a alguns recursos nestes últimos dois anos, três, quatro anos, mas ainda é possível. Nem todo pesquisador do mundo do trabalho tem a preocupação em reconhecer que não está pesquisando o trabalho, mais sim o trabalhador. E não se vê como trabalhador, eu falo da minha categoria, dificilmente um professor universitário se vê como trabalhador. Ele se vê como professor universitário. Então é uma questão cuja solução é muito difícil. Eu não saberia como solucionar isso.

**Viviane:** Professor, eu queria que você voltasse um pouco, sobre o que você percebe das relações de gênero no mundo do trabalho, dentro dessas categorias informais. Como é que você tem trabalhado isso com os catadores, os trabalhadores dentro desse universo informal do trabalho?

**Antônio:** Eu não vou acrescentar nenhuma novidade do que as pesquisas na área de Ciências Sociais, de História têm apontado. Se você imagina uma pirâmide da classe trabalhadora, na base você vai encontrar sempre a mulher numa faixa etária mais alta e negra. Nessa posição de trabalho e gênero, os piores postos de trabalho, as piores condições de vida sempre são identificadas junto às mulheres. E desse ponto de vista, tem ocupações que são preparadas para receber trabalhadoras mulheres, por exemplo: a teleoperadora, que tem um percentual bem mais alto de mulheres do que de homens. A justificativa presente nos manuais das em-

**Nem todo pesquisador do mundo do trabalho tem a preocupação em reconhecer que não está pesquisando o trabalho, mais sim o trabalhador. E não se vê como trabalhador, eu falo da minha categoria, dificilmente um professor universitário se vê como trabalhador. Ele se vê como professor universitário.**

presas de teleoperação ou de projetos que fazem parte dessas empresas apontam que as mulheres têm mais paciência, a voz das mulheres acalma. Então, eles pensam até nisso. Tem os ativos e passivos. Os passivos são aqueles que recebem a ligação, já o ativo é o que aciona. Então, o estigma se repete, nesse tipo de trabalho. Se repete escandalosamente. Por mais que a gente tenha uma legislação que busque uma economia, um tratamento do mundo do trabalho, essas empresas tentam burlar o que já tem registrado nos movimentos sociais.

Na catação, o que eu identifiquei em relação à divisão do trabalho foi nas cooperativas. Você tinha as corporativas mais bem organizadas, que tinham um convênio com a Caixa Econômica Federal, então eles iam lá, pegavam as aparas, que são os restos de papéis das agências. Então, você tinha os homens que iam buscar os recicláveis e traziam para o galpão. As mulheres trabalham nas bancadas, nas esteiras, que lembram divisão fordista e taylorista, cada um tem sua bancada e divididas. Ou seja, o trabalho administrativo, o trabalho exterior, o trabalho de manobrar caminhão, prensa, de manobrar empilhadeira era dos homens. E o trabalho mais sujo, separar as coisas, com as mulheres.



## Entrevistadores

**Cosma Silva de Araújo** - Graduada em História- UVA. Mestre em História e Culturas- UECE. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Ceará - UAB. Servidora pública.

**Fannuel Santos Mesquita** - Graduado em História-Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

**Joannes Paulus Silva Forte** - Graduado em Ciências Sociais na modalidade Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2004), em Ciências Sociais na modalidade Bacharelado pela UFC (2004), mestre em Sociologia pela UFC (2008) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (2019) com cotutela no Département Droit, Intervention Sociale, Santé, Travail (DISST) do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM-Paris-França). É Professor Adjunto J da Universidade Estadual Vale do Acaraú. É docente do quadro permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), na associada UEVA.

**Viviane Prado Bezerra** - Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (Dinter UFF/URCA). Mestra em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas de História Oral do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, atuando nos campos de pesquisa de História Social, com ênfase em Movimentos Sociais, Camponeses, História das Mulheres, História Oral e História da Educação.

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
10 anos

Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m<sup>2</sup>, com 274 páginas e em e-book formato pdf.  
Maio de 2024.

Série  
Território  
Científico

Editora  
**SERTÃO:  
CULT**  
10 anos

Uberização, gênero, trabalhadores tradicionais, trabalhadores da terra, o sindicalismo, desigualdades, diálogo, pesquisa, capitalismo, empatia. Cada uma destas palavras-chave é fundamental para aqueles que têm interesse pelos estudos acerca do mundo do trabalho. Mais ainda: são temas fundamentais para cada um de nós, trabalhadores, inseridos em uma sociedade em constante transformação, nem sempre (ou quase nunca) para melhor.

Pensando nisso, a série Território Científico uniu neste seu 5º volume entrevistas com 11 pesquisadores que se dedicam há anos ao mundo do trabalho e aos trabalhadores. Para melhor conhecermos nossa sociedade, nada melhor do que conhecermos aquilo que a move: o trabalho. Por isso convidamos vocês, caros leitores, a refletirem conosco sobre nossa realidade, que é primeiro passo para que possamos tornar essa transformação mais justa.

ISBN 978-655421130-7



9

786554

211307

Editora **SERTÃO:  
CULT**